

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Trabalho de Conclusão de Curso

“Y hoy están en paz”: relações entre os índios “infiéis” da Banda Oriental e guaranis missioneiros no período colonial tardio (1737-1801)

CESAR CASTRO PEREIRA

Orientador: Eduardo Santos Neumann

Porto Alegre,
dezembro de 2008.

“Y hoy están en paz”: relações entre os índios “infiéis” da Banda Oriental e guaranis missioneiros no período colonial tardio (1737-1801)

A Ana pelo amor e pelas palavras de apoio

Sumário

Agradecimentos.....	6
Introdução.....	7
Revisão Bibliográfica.....	8
Referenciais Teóricos.....	11
Espanhóis, portugueses e <i>gauchos</i>	14
As Fontes.....	16
Capítulo 1	
O início do cerco: interações mais constantes (1737-1750)	20
As reduções como refúgio.....	21
As dificuldades na vida reducional.....	22
Capítulo 2	
As interações no período de crise: do Tratado de Madri ao Tratado de El Pardo (1750-1761)	24
Os “infiéis” e a Guerra Guaranítica.....	24
O traslado dos Sete Povos orientais e os “infiéis”	27
Do fim da guerra à anulação do Tratado.....	31
Capítulo 3	
As interações no fechamento do cerco (1761-1801)	33
As elites missioneiras.....	33
Guardas, fortes e postos.....	35
O período pós-jesuítico: novo impulso às fugas.....	36
Conclusão.....	38
Fontes.....	39

Bibliografia.....40

Agradecimentos

É difícil encontrar as palavras certas para agradecer todos que participaram direta e indiretamente de minha formação e conseqüentemente, desta monografia. Todos, de certa forma, são responsáveis por este trabalho.

Aos meus queridos ex-colegas do colégio devo a gratidão de estarem sempre comigo. Em especial ao Dutra e ao Coelho pela amizade que o tempo não apaga.

Ao pessoal do GEIB, especialmente Samuel, López, Bragança, Marília e Déia. Obrigado por estarem do meu lado estes anos todos.

Um brinde à turma do Bar do Carlos. Nossas discussões político-futebolísticas marcaram minha formação.

Aos meus alunos e colegas do PEAC. Lecionando, aprendi muito mais.

Um abraço especial a Clarisse, que hoje ‘cava piscina’ no norte, a Flávia e novamente ao Dutra por terem segurado minha onda anos atrás. Ao professor Dario, por dizer que os arqueólogos são cavadores de piscina.

Aos meus colegas de curso que sempre me incentivaram nessa empreitada, em especial a Sarah e Fraya, por se interessarem pelo trabalho, ao Terror, ao David e ao Presunto por “botarem fé” na minha pesquisa e ao Cássio que falava ‘os índios do Cesar’.

Um saludo também aos meus amigos da antropologia Alexandre, Tita, Flávio e Jota por permanentemente me alertarem da ‘visão antropológica’.

A Clê, pelo crédito no xerox.

Agradeço aos integrantes do grupo de pesquisa Sociedades do Antigo Regime pelas dicas e discussões que enriqueceram a pesquisa.

Ao meu orientador Eduardo Neumann, pelas palavras de incentivo e puxões de orelha quando eu saía da ‘casinha’, e que em alguns momentos acreditou mais na viabilidade da pesquisa que eu.

Finalmente, agradeço de coração a minha namorada Ana por dedicar muito carinho, compreensão e apoio para a realização do trabalho. Sem a tua presença, o caminho seria mais difícil.

Introdução

Em 1784, o militar e demarcador espanhol Félix de Azara, durante o trabalho de demarcação de limites entre as possessões espanholas e portuguesas no sul da América, anotou em seu diário uma festa na Redução de São Miguel. Demonstrou uma certa perplexidade em seu relato, ao descrever a entrada na redução e a participação na festa de índios charruas e minuanos, outrora inimigos dos guaranis missioneiros¹. De fato, a inimizade dessas duas sociedades indígenas vinha desde antes da chegada dos europeus e perdurou durante os dois primeiros séculos da colonização².

O presente trabalho versa sobre duas comunidades indígenas que ocuparam a bacia platina e configuraram a formação histórica do que viria a ser o estado do Rio Grande do Sul. Uma, consagrada pela historiografia em quase todos seus aspectos. A outra, em comparação, ficou à margem da preocupação de historiadores e antropólogos, e assim sendo, permanece mistificada. Os guaranis missioneiros desenvolveram ao longo dos séculos XVII e XVIII uma sociedade complexa, organizada e onde floresceu uma das mais admiráveis experiências missionárias na América. Por outro lado, os índios “infiéis” da Banda Oriental do Uruguai – charruas, minuanos, chanás, yaros, timbús, bohanes, etc – desenvolveram uma sociedade não menos complexa e não menos organizada, porém, mantiveram algumas de suas características de semi-nômades.

A partir do século XVIII, acontecimentos alheios às suas sociedade os colocarão em interações cada vez mais freqüentes. Em comum, a tentativa da manutenção de seus territórios e de seu modo de vida.

Situados no meio das disputas territoriais de duas potências européias, guaranis missioneiros e índios “infiéis” adotaram distintas estratégias de adaptação e assimilação para a manutenção de seus modos de vida. Para este fim, as interações entre as duas comunidades – embora recheadas de contradições e ambigüidades – tiveram um papel importantíssimo. As diferentes relações adotadas entre os dois grupos foram ‘facilitadas’ pelo contínuo cerceamento do espaço indígena. No momento em que os ‘campos desertos’

¹ “Se hallaron en esta fiesta algunos bárbaros charrúas y minuanes, que tanto perseguieron en tiempos pasados [...], y hoy están en paz, corriendo libremente los campos”. AZARA, Félix de. *Descripción General del Paraguay*. Madrid: Alianza Editorial S. A., Introducción y notas: Andrés Galera Gómez. Ediciones del Quinto Centenario, 1990. P. 278.

² BRACCO, Diego. *Charruas, guenoas y guaraníes: interacción y destrucción. Indígenas en el Rio de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso, 2004. p. 264.

passaram a serem ocupados mais sistematicamente por europeus e americanos, as interações, pacíficas ou não, tenderam a crescer.

Tendo seu espaço alterado, as comunidades indígenas tiveram a sagacidade e a audácia suficientes para ensaiar distintos modos de adaptação ao sistema mercantilista imperante e muitas vezes a conseguiram com verdadeiro êxito.

Revisão Bibliográfica

De um modo geral, há pouquíssimos estudos tratando das interações entre os diferentes grupos indígenas da bacia do Prata, principalmente na segunda metade do século XVIII. Tal período foi considerado como de decadência geral das missões guaranis, em primeiro lugar, devido à derrota sofrida pelos guaranis missioneiros na guerra de 1754-56, e em segundo, por causa da expulsão dos jesuítas em 1768³.

A situação se agrava nos estudos sobre os índios “infiéis” da Banda Oriental. Alçados à condição de heróis nacionais, símbolos de resistência e de identidade cultural de uma nação, as obras mais facilmente encontradas ficam a cargo da literatura, onde os índios “infiéis” (principalmente os charruas e minuanos) são vistos de uma forma romantizada, idílica e heróica⁴. Também encontramos obras do final do século XIX até meados do século XX, que, marcadas pelos preconceitos da época, retratavam os indígenas como seres incapazes, atrasados, bestiais e infantis. Tais obras se autodenominavam de obras de pesquisas etnográficas⁵, não reconhecendo a possibilidade de tais índios serem agentes de sua própria história ou de pertencerem a ela⁶.

³ Em se tratando de historiografia gaúcha, durante muitas décadas somente dois autores dedicaram apenas um capítulo para o período posterior aos jesuítas. Esses foram: PORTO, Aurélio. *História das missões orientais do Uruguai*. Porto Alegre: Selbach, 1954. 2 vol. e TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre: Selbach, 1922. 3 vol.

⁴ Podemos citar como exemplo os livros OLIVEIRA, Antônio Augusto de. *Rastro de um charrua*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978., ACAUAN, Manoel. *Ronda charrua*. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1931 e ZÚÑIGA, Antonio R. *El charrúa*. Buenos Aires: Ateneo, 1927.

⁵ As pesquisas etnográficas sobre os índios “infiéis” da Banda Oriental foram realizadas através de relatos, pois quando a “febre” da etnografia começou na América, os “infiéis” já estavam debelados. Para uma maior apreciação do assunto consultar HUGARTE, Renzo Pi. *Los Indios de Uruguay*. Madri: Editorial MAPFRE América, 1992.

⁶ Exemplos desse tipo de obra são MARUCA SOSA, Rodolfo. *La nación charrua*. Montevideo: Letras, 1957, onde o autor descreve a vida social e os costumes desses índios; VIDAL, Daniel. *El mundo de los charruas*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006, na qual o autor comete sérios erros conceituais; ARAÚJO, Orestes. *Historia de los charrúas y demás tribus indígenas del Uruguay*. Montevideo: Librería Cervantes, José Maria Serrano Editor, 1911.

Dos historiadores (ou os que se comportaram como tais) que se preocuparam exclusivamente com a história – embora com motivações diferentes – dos índios “infiéis” da Banda Oriental podemos citar três. O primeiro é o uruguaio Acosta y Lara⁷, que escreveu seu livro em 1961 notando-se nele uma grande influência positivista. Imbuído da idéia que o documento é a verdade absoluta, a maior parte de sua obra é somente transcrição de documentos e, como diz o título, o autor interessou-se somente em retratar, sem maiores tentativas de interpretar o momento, as guerras e conflitos em que os índios charruas participaram na Banda Oriental. Aceitando o fato que o momento histórico do presente influencia a escrita do historiador, arrisco-me dizer que a obra de Acosta y Lara, além de resgatar o caráter guerreiro dos índios de seu país, serviria também para trazer à tona o caráter “guerreiro” de seu povo numa época política e socialmente conturbada da América Latina. Lara foi um dos intelectuais uruguaios que ajudou na construção da “Pátria Charrua”.

Um outro autor e, ao meu ver, sua obra tem mais relevância para meu objeto de estudo, é o professor de História, também uruguaio, Diego Bracco⁸. Bracco faz um minucioso trabalho empírico e com farta documentação proveniente de diversos lugares. Definindo os períodos cronológicos de acordo com as dinâmicas dos “infiéis” e entre diversos aspectos abordados, a interação entre os índios, e destes com os europeus está bem presente. Porém, o autor opta por não seguir adiante. Em determinado momento do livro chega a esboçar alguma interpretação, afirmando que uma maior aproximação entre as sociedades indígenas não pode ser explicada somente por terem inimigos comuns. A impressão que fica é que seu objetivo principal foi de romper com a idéia de índio estático ou belicoso por natureza, mostrando as interações, porém isentando-se de maiores reflexões. Seja como for, seu livro trata a história indígena a partir de uma abordagem diferente, e é uma das melhores do gênero para começar a entender suas dinâmicas sociais.

Ítala Becker⁹ defendeu sua dissertação de mestrado em 1982 na PUC-RS. Embora seu recorte cronológico seja amplo (dos séculos XVI ao XIX) e ser apenas descritiva, a grande contribuição da autora é colocar o índio como protagonista de sua história fazendo

⁷ ACOSTA y LARA, Eduardo F. *La guerra de los charruas*. Montevideo: Monteverde y Cia. S. A., 1961.

⁸ BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...op. cit.*

⁹ BECKER, Ítala Irene Basile. *Os índios charrua e minuano na antiga Banda Oriental do Uruguai*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1982.

suas próprias escolhas, acertadamente ou não. Buscando a “totalidade” das sociedades charrua e minuana, a autora, superficialmente, relata as relações entre as parcialidades indígenas.

Como meu objetivo principal é entender as interações entre os índios “infiéis” e os índios missioneiros a partir do cerceamento do território índio, procurei uma bibliografia cujo tema central são as missões jesuíticas, e, nessas obras, busquei algumas pistas que me auxiliassem para a resolução do problema. Nessa busca, encontrei diversos trabalhos que apontavam para um início de interação entre eles na primeira metade do século XVIII¹⁰.

Nos últimos anos os novos debates na historiografia, amparados pelos subsídios provenientes das pesquisas em arquivos, têm enfatizado o papel desempenhado pelos indígenas enquanto agentes sociais, privilegiando as estratégias adotadas frente a situações de conflitos e o seu papel como mediadores culturais. Ainda que alguns autores falem das interações entre os dois grupos indígenas pesquisados, ainda não tive conhecimento de nenhum trabalho que tente explicar esses contatos. Para a segunda metade do século XVIII, há apenas menções superficiais sobre as interações entre os dois grupos. As inter-relações estabelecidas entre os índios da Banda Oriental não mereceram por parte dos historiadores a devida atenção. As diferentes estratégias de resistência e as forma de lidar com a colonização adotadas pelos indígenas fizeram parte do complexo processo histórico da bacia platina.

Como pôde ser visto, a maior parte dos historiadores que se ativeram ao estudo das sociedades indígenas da Banda Oriental privilegiou o espaço missioneiro. De fato, é compreensível que a historiografia tenha priorizado tal comunidade. As razões são várias e não cabe aqui enumerá-las. E a obra que mais se aproximou de uma explicação para as

¹⁰ Sobre os contatos na primeira metade do século XVIII, e suas implicações nas dinâmicas de cada povoado ou participação dos “infiéis” na Guerra Guaranítica ver SANTOS, Maria Cristina; BAPTISTA, Jean Tiago. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In *Revista de História da Unisinos*, Maio/Agosto 2007. pp. 242-251., LEVINTON, Norberto. “Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso cotidiano, acuerdo interétnico y derecho natural (Misiones Del Paraguay)”. In *Revista Complutense de Historia de América*. 2005, vol 31. pp. 31-51., PÉREZ, Leonel Cabrera. “Los ‘ indios infieles ’ de la Banda Oriental y su participación en la Guerra Guaranítica”. In: *Estudios Ibero-americanos*. Porto Alegre, vol. XV (1), 1989. pp. 215-227., URQUIJO, José Mariluz. “Los guaraníes después de la expulsión de los jesuitas”. In: *Estudios Americanos*. Sevilla: vol. VI, 1953. pp. 323-330. e WILDE, Guillermo. “Los guaraníes después de la expulsión de los jesuitas: dinámicas políticas y transacciones simbólica”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2001, vol. 27. pp. 69-106.

interações, peca em seu *clímax*¹¹. Apesar da temática indígena ter avançado nos últimos quinze anos – conforme já foi dito –, não há estudos sistemáticos das relações dessas duas sociedades ameríndias que ocuparam os “campos desertos” do sul da América portuguesa numa época de crise. Então, esse estudo vem no sentido de preencher essa lacuna historiográfica e principalmente, para contribuir com os estudos sobre a história indígena latino-americana. O recorte temporal escolhido foi o período que abarca os anos de 1737 e 1801. A primeira data marca, simbolicamente, o início do cercamento dos campos desertos com as fundações de Montevideú, em 1726, pelos espanhóis e de Rio Grande, em 1737, pelos portugueses, e a última assinala a desintegração e conquista das sete missões orientais pelos lusitanos.

Referenciais Teóricos

Raúl Mandrini aponta o surgimento de uma “nova história” indígena no lugar de uma “velha tradição” clássica de história e antropologia, de raízes liberais e positivistas, com juízos e valores altamente desqualificatórios¹². Em seu artigo, o autor estabelece dois pontos principais que contribuíram para o desenvolvimento das investigações recentes sobre a temática: a superação das barreiras que separavam historiadores e antropólogos; e uma profunda revisão e o questionamento dos conceitos que há muito tempo os profissionais aceitavam. Para o primeiro aspecto, os historiadores incorporaram conceitos, categorias e modelos da antropologia, adequando-os às necessidades da investigação histórica, buscando novas fontes de conhecimento e re-valorizando a documentação já conhecida, enquanto os antropólogos passaram a não desmerecer a historicidade dos índios. Ainda que existam divergências entre as duas disciplinas, a convergência delas foi fundamental para um novo aporte sobre a história das sociedades ameríndias. Guillaume Boccara caminha nesse sentido quando fala que a aproximação dos métodos da história indígena com a antropologia histórica permitiu restituir às sociedades ameríndias um pouco de seu “espessor” sócio-histórico, conduzindo à elaboração de novos objetos e problemas

¹¹ BRACCO D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 270.

¹² MANDRINI, Raúl J. Hacer historia indígena: el desafío a los historiadores. In. MANDRINI, Raúl J. y PAZ, Carlos D. *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano en los siglos XVII-XVIII: un estudio comparativo*. Neuquén/Bahia Blanca/Tandil, 2003. (pp. 15-31) p. 16

de estudo¹³, rompendo-se, assim, com uma visão eurocêntrica sobre história indígena e citando Revel, fala que “o antropólogo começou a levar em consideração a historicidade das configurações sociais, enquanto o historiador passou a prestar mais atenção ao caráter relativo das categorias e a constituição das identidades coletivas”¹⁴.

Entre as revisões conceituais está a problemática da fronteira. Rompendo com a concepção turneriana de fronteira¹⁵, a “nova história” indígena a define como um espaço de circulação, interação, intercâmbio cultural e comercial entre grupos sociais diversos, muito diferente da definição de limites. Limite é uma delimitação imposta pela vontade do homem europeu, é onde se começa e termina um território definido politicamente, ao passo que fronteira é um conceito mais diluído e menos estático, podendo ser percebida em várias regiões num mesmo território. Na América já existiam as zonas de fronteiras entre as tribos indígenas, mesmo antes da chegada do ‘branco’. Com a colonização, novas zonas de fronteiras foram criadas e outras ampliadas. A partir da interferência do colonizador, Boccara prefere falar em complexos fronteiriços, o definindo como

“um espaço de soberanias imbricadas formado por várias fronteiras e suas hinterlands¹⁶ no seio da qual distintos grupos – sociopolítica, econômica e culturalmente diversos – entram em relações relativamente estáveis num contexto colonial de lutas entre poderes imperiais e através das quais se produzem efeitos de etnificação, normalização e territorialização e se desencadeiam processos imprevistos de etnogênese e mestiçagem”¹⁷.

¹³ BOCCARA, Guillaume, “Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel”. In. *Revista Memoria Americana. Dossier Mestizaje, etnogenesis y frontera*. Nº 13, 2005. pp. 21-52. p. 30

¹⁴BOCCARA, Guillaume. “Fronteras, mestizaje y etnogénesis en las Américas”. In. MANDRINI, Raúl J. y PAZ, Carlos D. *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano en los siglos XVII-XVIII: un estudio comparativo*. Neuquén/Bahía Blanca/Tandil, 2003. (pp. 63-73) p. 63.

¹⁵ A concepção turneriana de fronteira aplicada a bacia do Rio da Prata defendia que a expansão dos Impérios português e espanhol empreenderam o desenvolvimento da região e afirmaram o caráter nacional dos países que surgiram algum tempo depois. Sobre a concepção turneriana de fronteira ver ÁVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier tesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

¹⁶ Terras adentro, interioranas.

¹⁷ BOCCARA, G. *Gênesis... op. cit.*, p. 47.

Na Banda Oriental, a presença dos portugueses, sobretudo após a fundação da Colônia de Sacramento em 1680, configurou-se uma fronteira “tri-partida” (mundos culturais espanhol, português e indígena)¹⁸.

Para atingir os objetivos propostos, esta pesquisa será orientada, primeiramente, pelas discussões teóricas acerca do(s) comportamento(s) que os índios demonstraram em zonas de contato com a colonização. Segundo John Monteiro, em *Negros da Terra*, obra onde analisa a presença indígena na São Paulo colonial, os choques do contato – além das doenças – enfraqueceram e desarticularam as sociedades indígenas. Mas apesar disso, para o autor, os indígenas

*“sem condições de reproduzir plenamente as formas pré-coloniais de organização, procuravam forjar espaços próprios no interior da sociedade colonial. Esta busca, embora produzisse resultados no mais das vezes ambíguos, manifestava-se tanto na luta cotidiana pela sobrevivência quanto nas múltiplas formas de resistência”*¹⁹.

A isto que o autor denominou de ‘ adaptação resistente’²⁰, Guillaume Boccara, utiliza numa problemática maior. O referido autor analisa indígenas em zonas de fronteiras, e ao contrário que possa parecer, a situação instável de fronteira permitiu aos indígenas mais possibilidades de se inserirem ao complexo esquema econômico e social. Articulado várias idéias, o autor observa que as mudanças ocasionadas no mundo indígena a partir do contato com o europeu não se deram somente nas grandes estruturas. Se dermos uma boa olhada nos indícios, notaremos que as pequenas alterações no seio das sociedades foram importantes para as transformações ocorridas algum tempo depois. Assim como nas grandes estruturas, a colonização européia “fez” com que surgissem novos reordenamentos no mundo indígena. Esses re-arranjos dependeram, em síntese, da região, da ocasião e principalmente da organização social das comunidades em questão, onde cada momento comporta uma dinâmica diferenciada. Esses re-ordenamentos foram possíveis devidos aos grandes processos de mestiçagem cultural e social, que ganharam força a partir da

¹⁸ NEUMANN, Eduardo. A fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande. In: GRIJÓ, KÜHN, GUAZZELLI e NEUMANN (Org). *Capítulos de história do Rio grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, (pp. 25-46).

¹⁹ MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 170.

²⁰ Segundo Monteiro, adaptação resistente é forjar espaços de sobrevivência no interior de sua nova realidade social. MONTEIRO, J. *Negros...*Ibidem, p. 174.

incorporação de elementos europeus nos costumes e cultura dos índios. Para Boccara, os índios não foram receptores passivos dos novos elementos apresentados e deles

“desenvolveram estratégias de resistência e adaptação que se inscrevem na continuidade de práticas e representações anteriores à conquista, mas que desembocaram também, através de múltiplos processos de mestiçagem no surgimento de novos mundos no Novo Mundo”²¹.

Dessa forma, as diferentes respostas indígenas variaram de acordo com o contexto histórico e foram proporcionais à ação do colonizador. O que se observou foi uma assimilação e uma re-significação de novos valores sociais, políticos, culturais e econômicos, e a tentativa de inserção do índio ao novo mundo ao qual era apresentado. Numa zona de fronteira, e em especial, a Banda Oriental, devido a seus múltiplos atores, esses re-agrupamentos foram potencializados. Essas orientações serão úteis para compreender como os indígenas se comportaram diante de uma fronteira em movimento, de vários atores sociais e desta característica tiraram o máximo proveito em prol de seus interesses.

Sobre as alianças indígenas configuradas no período, Bracco fez a seguinte apreciação: “existem grandes dificuldades para compreender o processo que estava ocorrendo no interior de cada uma das culturas indígenas, e para identificar as bases de novas alianças que se gestavam”²². De fato, Monteiro já demonstrou como as alianças indígenas eram circunstanciais e instáveis. Para o autor, o comportamento dos indígenas deve-se buscar na dinâmica e no contexto da ocasião em que eles se aproximam ou se distanciam²³. Aplicou-se essa reflexão no contexto histórico da Banda Oriental, e perceber como a presença de espanhóis, portugueses e *gauchos* contribuíram para a aproximação ou distanciamento dos grupos indígenas pesquisados.

Espanhóis, portugueses e *gauchos*

Autoridades coloniais espanholas mantiveram um enfrentamento aberto com os “infiéis”, embora, em alguns momentos tentassem cooptá-los. Na perspectiva das autoridades espanholas era indispensável povoar os campos, e para tanto, levaram adiante

²¹ BOCCARA, G.. *Fronteras... op. cit.*, p. 63.

²² BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 270.

²³ MONTEIRO, J. *Negros da Terra. op. cit.*, p. 29.

iniciativas de repartição de terras e gado. Tal intento era em grande parte dificultado pelos índios “infiéis” que controlavam os circuitos do contrabando, sendo depois tal controle disputado com os *gauchos* algum tempo depois. Impossibilitados de porem ordem nos campos, os espanhóis desenvolveram políticas de anistias e indultos que beneficiaram mais aos *gauchos* que os “infiéis”. Paralelamente, a contínua pressão sobre os territórios missioneiros por parte dos hispano-americanos, verificadas, principalmente a partir da Guerra Guaranítica, ajudou a configuração que as comunidades indígenas desenvolveram.

A presença portuguesa acentuou-se a partir da fundação de Rio Grande, que tornou-se peça-chave na expansão, ao menos nos primeiros tempos²⁴. Ponto estratégico para saídas de expedições de caça/roubo ao gado e para chegadas de tropas de contrabando, os portugueses desenvolveram políticas de atração tanto para os “infiéis”, como para missioneiros e *gauchos*. As vantagens dos lusitanos estiveram relacionadas com a habilidade para fazer coincidir os interesses dos particulares com os da Coroa. Os particulares, buscavam riquezas e honrarias, enquanto a Coroa buscava seu efetivo estabelecimento no sul da colônia americana, e para isso necessitava desses particulares. No avanço para o sul, os portugueses firmaram alianças mais ou menos duradouras com os minuanos. Também estabeleceram uma contínua linha de ação com os *gauchos* em proveito próprio, fosse para a exploração do gado ou para a introdução de gêneros de contrabando. Paralelamente, utilizaram a estratégia do casamento para conseguir um maior número de súditos²⁵.

Utilizando a expressão de Bracco, a partir da política de limpar os campos de “infiéis” entre os rios Paraná e Uruguai, a sociedade colonial espanhola obteve uma “vitória de Pirro”²⁶. Produtos de uma cultura mestiça e de formação heterogênea, os *gauchos* preencheram os espaços deixados pelos “infiéis” perseguidos pelas autoridades coloniais espanholas. Por terem “um pé” na sociedade branca, era muito mais fácil para este se camuflarem nas cidades, vilas e povoados, quando perseguidos²⁷. Os *gauchos* eram

²⁴ Com o transcorrer do tempo, Rio Pardo e Viamão adquirem grande importância para os negócios portugueses.

²⁵ NUSDORFFER, Bernardo. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas com respeito às mudanças dos Sete Povos do Uruguai desde São Borja até Santo Ângelo inclusive que pelo Tratado Real e a linha divisória dos limites entre as duas Coroas ou se haviam de entregar aos portugueses ou se haviam de mudar a outras paragens”. In: TESCHAUER, C. *História do Rio Grande do Sul... op. cit.*, p. 572.

²⁶ BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, 299.

²⁷ BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, 293.

desertores, contrabandistas e traficantes de cavalos. Dedicavam-se ao roubo e ao comércio ilícito que estabeleciam com os portugueses e com outros contrabandistas espanhóis. Em alguns casos eram autores de roubo de mulheres, assassinatos e de afronta às autoridades. O mundo *gaucho* exerceu grandes doses de violência contra os missionários e os “infiéis”. Embora tenha havido interações entre eles, inclusive com a circulação de diferentes indivíduos entre os grupos, os *gauchos* tornaram-se seus maiores competidores. Adquirindo maior poder com o transcorrer do tempo, a repressão espanhola sobre os *gauchos* não logrou resultados satisfatórios, e devido à sua debilidade, passou a cooptá-los através de indultos e anistias para servirem em suas tropas e milícias a fim de combater os crimes praticados nos campos. Tal política de aproximação não se repetiu com os “infiéis”, que passaram a ter seu espaço de circulação cada vez restrito.

As Fontes

Devido à pouca bibliografia sobre o tema desta investigação, a base metodológica foi orientada para a busca e análise de fontes primárias, muitas delas já utilizadas, mas com enfoques diferentes aos quais me propus.

As fontes pesquisadas estão classificadas em quatro modalidades: a espanhola, a portuguesa, a eclesiástica (basicamente jesuíta²⁸) e a indígena. Devido às especificidades de cada terminologia, em primeiro lugar, contextualizei o momento em que foram produzidos os documentos e quem os fez. Num segundo momento, procurei relativizar as informações e fazer os cruzamentos pertinentes, a fim de que se torne possível perceber como as sociedades indígenas se comportaram no período.

A documentação eclesiástica (cartas, instruções de procedimentos, relações diversas, Cartas Ânua²⁹) destaca, sempre que se relaciona aos índios, a dualidade dos povos indígenas. Geralmente os dividem em índios convertidos (bons, carregados das melhores qualidades) e em índios “infiéis” (maus, caracterizados pelos piores defeitos). Os

²⁸ Após a expulsão da Companhia de Jesus da América espanhola em 1768, outras ordens religiosas ocuparam seu lugar nas reduções. Porém, as novas doutrinas deveriam cuidar, apenas, dos assuntos espirituais, sendo vedado a eles a participação na administração dos povoados. Para uma melhor apreciação sobre as obrigações das ordens religiosas que substituíram aos jesuítas ver MARTÍN, Carmen Martínez. “El padrón de Larrazábal en las misiones del Paraguay (1772)”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2003, vol. 29. pp. 25-50.

²⁹ Cartas Ânua eram cartas anuais emitidas pelos superiores das Missões. Elas continham instruções de procedimento a ser adotada pelos padres para a resolução de problemas verificados em cada povoado.

jesuítas foram os principais construtores desse tipo de fonte, e a eles devemos o uso do termo “infiel”. Segundo a classificação da época, “infiel” foi utilizado para denegrir, omitir e desqualificar os índios que não se cristianizaram e nem se submeteram ao controle direto das autoridades coloniais espanholas. Esse julgamento moral, também foi estendido aos cristianizados, quando estes não abriam mão de manter alguns de seus costumes ou passavam a contestar, de alguma forma, a autoridade dos padres ou dos agentes coloniais. Para estes últimos se utilizaram expressões que remetiam a uma volta à barbárie, à infantilidade e ao atraso. Nesse tipo de fonte podemos perceber como os jesuítas viam as interações entre os guaranis e os “infiéis” e também como percebiam as diferenças entre as elites reducionais. Também podemos verificar, do ponto de vista jesuíta, o que estava ocorrendo entre os índios reduzidos com os que se mantinham na “infidelidade”, assim como informações sobre a diversidade da composição do contingente das reduções e transcrição de alguns diálogos dos guaranis missioneiros relatando como viam o modo “infiel” de se estabelecer acordos.

Os juízos pejorativos, igualmente, estão presentes nas fontes produzidas pelas autoridades coloniais e nos relatos de viajantes. Homens educados no princípio da racionalidade iluminista, os europeus da segunda metade do século XVIII ajustaram os índios em categorias que para eles seriam de mais fácil entendimento, reproduzindo seu modo de ver o mundo. Mesmo mantendo o termo “infiel”, utilizaram o de “nação” para classificar os indígenas, fazendo, assim, apreciações objetivas de um esquema mental prévio. Geralmente quem os produzia eram militares e agentes do governo, e neles o peso emotivo, em comparação aos jesuítas, é sempre menor. Da documentação produzida pelos agentes coloniais espanhóis podemos ver como os espanhóis percebiam as relações entre os indígenas e como os portugueses contribuía para isso, ao passo que nos escritos portugueses, a interação entre os indígenas é pouco mencionada, mas, em compensação mostram sua visão de como se processavam suas relações com os índios “infiéis”, principalmente os minuanos, bem com, os atos que eram considerados positivos para uma aproximação e os negativos, que resultavam num distanciamento. Neste tipo de fonte observamos duas matrizes produtoras, cada qual tentando legitimar suas empresas coloniais.

Quanto às fontes primárias indígenas, a riqueza da documentação produzida pela elite letrada das reduções, consiste em uma via para entender as concepções de parte dos atores pesquisados³⁰. Tais escritos apresentam abordagens novas da realidade colonial e permitem aos historiadores reavaliarem as transformações ocorridas na sociedade indígena. Pouco utilizada pelos historiadores, infelizmente ainda não se produziu alguma coletânea ou catálogo de fontes produzidas pelos índios, ao contrário dos documentos espanhóis, portugueses e religiosos, demonstrando, assim, o pouco interesse que a área desperta.

Não pretendo perpetuar as denominações e procedimentos de pensar e classificar as realidades indígenas presentes na documentação. Mas, apesar do caráter etnocêntrico do termo “infiel”, para efeitos de composição do projeto, e posterior desenvolvimento do trabalho, continuarei utilizando-o, e na medida em que me for permitido (pelas fontes e pela bibliografia), nomearei a parcialidade e o nome do cacique.

* * *

Para a execução dos objetivos propostos, os procedimentos metodológicos foram voltados prioritariamente para reconstruir a dinâmica de fronteira existente e a forma como os indígenas a perceberam. Para isso, analisei como o cerceamento do espaço ameríndio interferiu em suas dinâmicas sociais, bem como a presença mais marcante das empresas coloniais ibéricas configuraram mudanças em seu cotidiano.

Privilegiar as relações construídas entre as culturas indígenas da Banda Oriental busca justamente perceber as populações nativas na sua historicidade, ou seja, como elas lidaram e se recriaram ao viverem as diferentes situações de colonização com as quais se depararam.

Para atingir os objetivos propostos, dividi o trabalho em três capítulos. Seguindo um recorte temporal, mas tentando fugir da linearidade, o primeiro capítulo versa sobre as interações entre os indígenas no início do cerco aos seus territórios. Procurei nele ver as distintas formas que os indígenas, em especial os “infiéis”, buscaram manter sua autonomia e seus estilos de vida ao associarem-se com as Missões, e os problemas que essa

³⁰ Para saber melhor uma metodologia de trabalho com as fontes sobre os índios da Banda Oriental ver HUGARTE, R. *Los Indios ... op. cit.* e MARTÍN, C. *El padrón de Larrazábal... op. cit.*

aproximação acarretou. No segundo, busco recompor as relações estabelecidas no marco da assinatura do Tratado de Madri até o mesmo tornar-se sem efeito. Por fim o último capítulo trata das relações entre os indígenas no período onde as monarquias ibéricas lançam campanhas violentas de fixação ao território.

Cap. 1 – O início do cerco: interações mais constantes (1737-1750)

A fundação de Montevidéu pela coroa espanhola e de Rio Grande pelos lusos, são os marcos da expansão ibérica às terras interioranas da Banda Oriental. Além de buscarem a efetiva colonização das terras, os europeus também passaram a disputar o gado, cujo couro havia sido valorizado no decorrer do século XVIII. Inicialmente, a pressão espanhola deu-se sobre os territórios de circulação dos “infiéis” charruas entre os rios Uruguai e Paraná. A consequência dessa avançada, além das mortes, foi a redução forçada de alguns e o deslocamento de outros aos campos menos controlados da Banda Oriental, embora, durante a Guerra Guaranítica, encontremos parcialidades charruas no lado ocidental do Uruguai como veremos depois. Os minuanos sofreram duros reveses, com a avançada espanhola que se expandia a partir de Montevidéu, entretanto, continuaram como a *nação* preponderante nos ‘campos desertos’. A pressão que as sociedades coloniais exerceram sobre os territórios indígenas, ao mesmo tempo em que diminuiu a ameaça dos “infiéis”, propiciou o surgimento de um novo ator social que a história o consagrou como *gaúcho*. Os *gaúchos*, igualmente exerceram grandes pressões sobre os indígenas, tornando-se os maiores competidores dos “infiéis” pelo controle dos ‘campos desertos’ e praticando furtos nas Missões. Enquanto a avançada espanhola significou pressão e perseguição contra os “infiéis”, no lado português, a política foi outra. A fundação de Rio Grande outorgou amparo temporal ou permanente a muitos “infiéis”, missioneiros, *gaúchos* e desertores espanhóis. Para os lusitanos, a fixação no território passava pela atração do maior número de súditos possíveis, e também, a aliança estabelecida com esses atores sociais, os permitiu povoar suas estâncias com gado, geralmente furtado das estâncias missioneiras.

Diante deste quadro, “infiéis” e missioneiros desenvolveram mecanismos de inserção, adaptação e assimilação que os novos tempos exigiam. A busca pela manutenção de suas autonomias passava por uma maior aproximação entre suas sociedades. O fato verificado nesse período é uma intensificação do número de interações, pacíficas ou não, entre as duas sociedades.

As reduções como refúgio

A violência desencadeada pela sociedade colonial espanhola contra os charruas estabelecidos entre os rios Paraná e Uruguai, coincide com uma relativa mudança das relações entre estes e a sociedade guarani, aumentando as interações pacíficas. A busca dos “infiéis” pela proteção nas Missões, quando perseguidos, já era uma ação comum, mas, quando passou a haver um incremento da avançada espanhola sobre seus territórios, essa prática aumentou substancialmente, mesmo que muitas destas ‘idas’ tivessem um caráter temporal.

Na década de 1740, a atividade hostil entre as duas comunidades havia diminuído bastante. Não que isso significasse que não houvesse desavenças. Segundo informe de Nusdorffer, fugindo da perseguição espanhola, Yapeyú e São Borja, foram as reduções que mais haviam recebido fluxo de “infiéis” charruas, guenoas e minuano³¹. Nessa época, parcialidade charruas mantiveram acordos com os missioneiros de Yapeyú, nos quais ficou estabelecido que os “infiéis” não atacariam os caminhos *dopueblo* nem fariam outro dano, porque “*tienen esperanza de refugiarse en este pueblo, caso que los españoles los persigan, como ellos mismo lo han dicho*”³². Essa estratégia de buscar as Missões quando sofriam investidas dos espanhóis foi amplamente usada durante a referida década, visto os contínuos ataques que estes índios desferiam contra estâncias e povoados de Santa Fé, cujo gado furtado na maioria das vezes terminava nas mãos de portugueses³³. Em 1749 e 1750 autoridades espanholas empreenderam uma campanha de extermínio contra os charruas estabelecidos na margem ocidental do rio Uruguai. Para a composição das tropas, foram convocados guaranis de Yapeyú, São Nicolau, Santa Cruz e São Domingo Soriano. A vitória das autoridades espanholas teve as seguintes conseqüências: dos sobreviventes, um grande número buscou refúgio em Yapeyú, ou foi enviado a força, e um número difícil de

³¹ Informe al Rey del Provincial de la Compañía de Jesús, Bernardo Nusdorffer. Buenos Aires, diciembre 30 de agosto de 1745. A. G. I., Buenos Aires, 304. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 266.

³² Carta del padre José Ribas al padre Antonio Machoni. Yapeyú, 30 de abril de 1743. A. G. N., IX, 6, 9, 7. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...Ibidem.*, p. 266.

³³ José de San Román a Bruno de Zavala. Sto Domingo, 29 de abril de 1749. A. G. N. A., IX, 7, 9, 4. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes.. Ibidem.*, p. 268.

quantificar passou aos campos menos controlados da Banda Oriental, e ao que parece desenvolveram com os minuanos boas relações e ajudas mútuas³⁴.

Como já foi dito, a prática de buscar amparo nas Missões nos momentos de máxima perseguição não era novidade para os indígenas. Em dezembro de 1750, em informe ao Rei, o padre Manuel Querini diz que às Missões “*se agregan también este año de 1750 varias parcialidades de infieles, atraídas del deseo de reducirse a nuestra santa fé, porque al pueblo de Nuestra Señora de los Reyes del Yapeyú entraron de nuevo doscientas almas de infieles charrúas*”³⁵. Me parece que em tal documento, as palavras *de nuevo* tem o sentido de *regressaram*. Ou seja, em algum período anterior, quando perseguidos, esses charruas encontraram na redução de Yapeyú um ‘porto seguro’, e depois de refeitos e de afastado os perigos, voltaram a sua vida nos campos. Sobre o desejo de tais índios em abraçar a fé católica, tratarei desse assunto mais para frente. Enquanto os charruas se protegiam em Yapeyú, minuanos e guenoas procuravam refugiar-se em São Borja, São Miguel, Santo Ângelo e São Nicolau.

As dificuldades na vida reducional

Os “infiéis” nas reduções não ofereceram facilidade à vida dos missionários, impondo no dia-a-dia uma série de dificuldades aos reduzidos. Além das desavenças cotidianas, na perspectiva infiel, os acordos de paz só os impediam de matar ou roubar mulheres.

Em 1743, cerca de um terço dos moradores de São Borja eram minuanos. Estes, recebiam freqüentemente visitas de seus parentes que se mantinham na infidelidade, que por sua vez mantinham estreitos laços com os portugueses. Os espanhóis responsabilizavam esta aliança (minuanos e portugueses) pelos ataques às vacarias do rio da Prata e empreenderam contra estes indígenas, uma política de reduzi-los próximo a Montevideu ou então reprimi-los. Do mesmo modo, que as autoridades coloniais espanholas sabiam que os “infiéis” que entravam pacificamente nas vilas, na verdade, estavam fazendo um

³⁴ “*pues si antes eran solos los charrúas y sus parciales, ahora se les han agregado los minuanes, que son los de mayor número*”. Carta de José de San Román al gobernador de Buenos Aires. Santo Domingo Soriano, 16 de enero de 1750. A. G. N. A., IX, 4, 3, 1. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...*Ibidem., p. 303.

³⁵ El padre Manuel Querini al Rey. Córdoba, 1º de diciembre de 1750. A. G. I., Buenos Aires, 385. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...*Ibidem., p. 304.

levantamento da área³⁶, os missioneiros também tinham esse conhecimento. Então, ao visitarem parentes estabelecidos nas reduções, os “infiéis” faziam sondagens sobre a quantidade e a localização de gado, ou de outros produtos, sobre a disposição de guardas e postos de vigia, assim como o número de guaranis que guarneciam o local, ainda que, durante essa época, as Missões fossem poupadas das investidas dos “infiéis”.

Um outro problema verificado nesse momento foi a deserção dos índios reduzidos. Mesmo que em comparação com períodos posteriores a recorrência desse comportamento seja pequena, já se evidenciava uma prática que tornou-se comum principalmente após a Guerra Guaranítica. Acredito que uma maior presença de “infiéis” nas Missões tenha contribuído para que guaranis passassem ao convívio dos “infiéis” nos ‘campos desertos’.

A questão religiosa foi mais um ponto de discórdia sobre a vida reducional de “infiéis” nas Missões. Muitos “infiéis” moradores estavam ali forçados, principalmente mulheres, crianças e velhos poupados pelas guerras de extermínio praticadas pela sociedade colonial. Para eles, manter sua cultura religiosa era uma questão de manter sua identidade cultural e sua autonomia. E mesmo os que aderiam ao catolicismo, o faziam devido às vantagens que a incorporação à nova religião trazia³⁷. Em sua tese, Garcia reparou que os minuanos recusavam-se a receber o batismo, e que muitas vezes o faziam somente em casos extremos³⁸. Segundo os minuanos, a conversão ao catolicismo acarretaria mudanças em sua autonomia de vida pelas quais não estavam interessados. Geralmente associavam o cristianismo com trabalho e obrigações, tais, como se depreende do diário de Saldanha³⁹ e da negativa de reduzir-se em 1743⁴⁰.

³⁶ “Desde el Campo del Bloqueo de la Colonia hasta el Río Grande [...] habitan los indios infieles minuanes [...] [que] se mantienen de robar ganados y caballadas de los vecinos y estancias de Montevideo. [...] Hay [minuanos] domesticados que entran y salen de Montevideo unas cuantas tolderías”. Informe del gobernador Andonaegui al Marqués de la Ensenada. Buenos Aires, 5 de setiembre de 1749. A. G. I., Buenos Aires, 304. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...*Ibidem., p. 267.

³⁷ “Finalmente, después de varias conferencias con los caciques [charruas], me dieron palabra de juntarse en *pueblo*, con tal que les diésemos de comer y vestir; yerba y tabaco de ración cada día y casa hecha”. Carta y relación de las Misiones de la Provincia del Paraguay. Padre José de Cardiel, S. J. Buenos Aires, diciembre 20 de 1747. Archivo del Colegio del Salvador. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...*Ibidem., p. 265.

³⁸ GARCIA, Elisa. *As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. p. 220.

³⁹ “os adultos [respondem] quando lhes perguntam – Por que não querem batizar-se – Que os cristãos trabalham muito para terem que comer e vestir-se, e que naquele modo de vida passam com maior

Cap. 2 – As interações no período de crise: do Tratado de Madri ao Tratado de El Pardo (1750-1761)

O presente capítulo trata do comportamento dos indígenas atingidos direta ou indiretamente pelo Tratado de Madri assinado entre Portugal e Espanha. Tal tratado reconfigurou o espaço platino levando as sociedades indígenas buscarem inserirem-se nos novos tempos. A participação dos “infiéis” na Guerra Guaranítica foi ambígua. Ao mesmo tempo em que negociavam com missionário, espanhóis e portugueses, não deixaram de furtar seus gados. Os acordos de auxílio por parte dos “infiéis” aos grupos envolvidos deveram-se a aspectos circunstanciais e também buscavam a manutenção de sua autonomia num período de incertezas.

Os “infiéis” e a Guerra Guaranítica

Por volta de setembro de 1750 chegaram ao rio da Prata, via Colônia de Sacramento, informações desconhecidas sobre a permuta desta com as terras dos Sete Povos orientais. Rapidamente, missionários passaram a contestar a decisão que implicava no deslocamento de todos habitantes do povoado, bem como de todos os seus bens, excetuando-se os de raiz.

No período em que demonstraram seu descontentamento através de cartas, bilhetes e outros documentos oficiais, observou-se uma continuidade esboçada na década anterior: uma aproximação cada vez mais constantes de índios “infiéis” e missionários.

Essa política de estreitamento de relações pode ser olhada por dois vieses. No primeiro, devemos prestar atenção nos objetivos dos missionários em aproximar-se dos “infiéis”. Em segundo lugar, devemos buscar na necessidade e nos interesses dos “infiéis” em aproximar-se dos missionários. Porém, o que pautou as interações entre os grupos indígenas foi o caráter circunstancial na qual se estabeleceram acordos ou disputas.

O período que corresponde da chegada da notícia das premissas do Tratado de Madri até o início do conflito bélico, em fins de 1753, mostra uma intensa negociação entre

descanso”. SALDANHA, José de. “Diário resumido e histórico. In: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LI, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1938.p. 237.

⁴⁰ Nas negociações estabelecidas entre as autoridades espanholas e minuanos para a redução, os espanhóis prometeram que os índios não sofreriam com a *encomienda* “*lo que sumamente aborrecen*”. Real Cédula de 9 de diciembre de 1743, citada em ofício del gobernador de Buenos Aires al Rey. 9 de setiembre de 1745. In. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 267.

os indígenas. Paralelamente, nota-se na documentação fugas sistemáticas de guaranis das missões que, geralmente, se deslocavam aos matos ou buscavam amparo nas toldarias dos “infiéis”.

Ainda sentindo os efeitos da perseguição colonial de 1749/50, os “infiéis” procuravam nas missões, segurança contra as autoridades coloniais. Nesse sentido, o *pueblo* de Yapeyú desempenhou importante papel no estreitamento das relações. Muito “infiéis”, especialmente charruas, principais alvos naquele momento das campanhas espanholas justificavam suas entradas em dito *pueblo* utilizando a desculpa de visitar seus parentes. Tais justificativas escondiam o real propósito dos “infiéis”. Geralmente, buscavam refúgio nas reduções ou para fugir das perseguições desencadeadas contra seus roubos⁴¹ ou para oferecerem seus ‘ serviços de espias’ , recebendo em troca presentes.

A medida que ficava evidente aos guaranis que sua resistência pacífica não obteria logros, os missioneiros passaram a empreender uma política de cooptação dos “infiéis” para futuras ações bélicas. Em carta de Nicolás Patrón ao Marquês de Valdelirios datada de 13 de setembro de 1753 que afirmava que os jesuítas haviam enviado emissários

“a las tolderías de los minoanes y bohanes [para] convocarlos para la guerra [ao que] habían respondido los minoanes a la convocatória, que si sabían los tapes y los curas que habían de necesitar de ellos, para qué, en los años pasados habían muerto sus hijos, que esos más tendrían hoy en su ayuda, pero que no obstante dijese al padre que se fiase de ellos, que le ayudarían en todo”⁴².

Sobre essa fonte temos algumas considerações. Nicolás Patrón foi um das autoridades espanholas mais empenhadas em culpar os jesuítas pelas desordens praticadas pelos missioneiros rebelados. Embora, alguns inacianos tenham demonstrado sua contrariedade com a decisão da coroa espanhola, não participaram do movimento de resistência. É possível que emissários das missões rebeladas fossem em busca dos “infiéis” para tratar de uma potencial aliança. Porém, acredito que tal emissário tenha sido enviado pelos próprios guaranis. Outro ponto a ser questionado é quanto à disposição dos “infiéis” ingressarem na guerra. Uma leitura simplista do documento dá margens a interpretações também simplistas. Tomando a fonte sem nenhum questionamento, reforça-se o caráter da

⁴¹ Vera Mujica al P. NUSDORFFER. 14 de março de 1750. AGNA, IX, 7, 9, 4. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...* Ibidem., p. 303.

⁴² Nicolás Patrón al marqués de Valdelirios. Corrientes, 13 de setiembre de 1753. Simancas, Estado 7381. Apud. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...* Ibidem., p. 282.

resistência inabalável dos “infiéis” contra a sociedade europeia, quando no mesmo período há provas do contrário⁴³. Ainda sobre a disposição dos “infiéis” em participarem do conflito, segundo o documento os minuanos e bohanes em questão teriam aderido imediatamente à convocação para guerra, porém, outras fontes evidenciam que a participação dos “infiéis” no conflito foi negociada. Por exemplo, em depoimento tomado em 18 de junho de 1756, Alberto Caracará, Tenente Corregedor de São Lourenço, falou da necessidade contínua de gratificar os “infiéis” para que estes continuassem auxiliand-os⁴⁴.

Para os índios “infiéis”, uma negociação ‘obrigav-os’ a uma ajuda específica e não a um auxílio permanente. Miguel Arayecha, em depoimento tomado em 28 de junho de 1756 relata um combate travado no arroio Ibabiyú perto de São Miguel do qual participaram 200 tomistas, 200 cruzenhos, 10 concepcionistas, 100 nicolaístas, 600 miguelistas, um número impreciso de borjistas e 47 “infiéis” minuanos contra uma tropa espanhola. Conta Miguel, que às vésperas da ação, foram doados aos minuanos carretas carregadas de erva, tabaco e mantimentos. Além disso, o cacique Molina recebera um bastão como forma de distinção. Após a vitória, os índios confraternizaram e na mesma noite o cacique Molina foi embora e levou todos de sua parcialidade junto⁴⁵. Na lógica “infiel”, o acordo estava cumprido. Se os guaranis necessitassem de mais auxílios teriam de negociar novamente.

Ao contrário que afirma Peréz, em acordo com os guaranis rebelados, os “infiéis” atuaram mais como ‘espias’ do que como combatentes como deixa transparecer em seu artigo⁴⁶. Agindo dessa forma, os “infiéis” podiam perceber quais as reais condições dos

⁴³ Em sua tese, Garcia aponta uma parcialidade minuana sob a liderança do cacique Moreiras que manteve-se aliada aos portugueses durante a Guerra Guaranítica. GARCIA, E. *As diversas formas de ser índio... op. cit.*, p. 233 e seg. Bracco, em seu ensaio escreve sobre uma *salida* espanhola feita em 1757, a fim de castigar os cimarrones que haviam furtado animais. Auxiliando a tropa espanhola estavam 32 charruas, que ao final receberam parte do butim. BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 272.

⁴⁴ De la outra de las declaraciones que se han tomado a los Índios prisioneros, como a otros que se ha hallado convenientes declarasen, y segun decreto que para ello despacho S. E. Don José Andonaegui, las cuales remite el Marqués de Valdelirios a Wall, como se cita en su carta de 25 de Noviembre de 1756. Depoimento de Alberto Caracará, tomado em 18/06/1756. In. DOCUMENTOS sobre o Tratado de 1750. 2 volumes. In: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, volumes LII e LIII, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1937-1938. p. 399.

⁴⁵ De la outra de las declaraciones que se han tomado a los Índios prisioneros, como a otros que se ha hallado convenientes declarasen, y segun decreto que para ello despacho S. E. Don José Andonaegui, las cuales remite el Marqués de Valdelirios a Wall, como se cita en su carta de 25 de Noviembre de 1756. Depoimento de Miguel Arayecha, tomado em 28/06/1756. In. DOCUMENTOS sobre o Tratado de 1750. 2 volumes. *Anais da Biblioteca Nacional...Ibidem.*, p. 399.

⁴⁶ PÉREZ, L. . “Los ‘indios infieles’ .*op. cit.*

exércitos ibéricos e missioneiros, e assim, reorientar suas ações. Um indício dessa prática pode ser depreendido do diário de Nusdorffer. Em julho de 1754, o padre observa que os “infiéis” são bons espias para os guaranis rebelados, orientandões sobre a quantidade de soldados e as condições das tropas ibéricas, bem como o caminho provável a ser percorrido por eles⁴⁷. Utilizando-se da dissimulação, em alguns casos, os índios aproximavam-se dos europeus e em seguida os atacavam⁴⁸. Porém, Nusdorffer muda de opinião sobre a ‘qualidade’ dos espias dois anos mais tarde. Segundo ele, houveram falhas nos espias em janeiro de 1756, o que teria permitido que as tropas espanholas e portuguesas tivessem se unido, e marchassem em direção às reduções. Para o autor do relato, quando os guaranis rebelados souberam da proximidade das colunas ibéricas, teriam ido ao encontro delas cerca de 100 missioneiro chefiados por Sepé Tiaraju, tendo como finalidade averiguarem as condições das tropas⁴⁹. Há, pelo menos, duas possibilidades para a ‘falha’ dos espis. A primeira, é que os acordos estabelecidos com as parcialidades que atuavam nesse ‘ramo’ não tenham sido renovados, e estas aproveitaram-se da situação para negociar com os europeus. A segunda explicação pode ser pelo fato de que os “infiéis” perceberam que com as condições e o tamanho das tropas européias (cerca de três mil soldados), uma resistência seria inútil e tenham se retirado de cena.

O traslado dos Sete Povos orientais e os “infiéis”

As deliberações do Tratado de Madri não foram aceitas passivamente pelos guaranis missioneiros. Antes de optarem pela guerra, os índios manifestaram seu descontentamento através de cartas e documentos oficiais. Conforme Neumann, na resistência ao cumprimento das premissas do Tratado, a elite missioneira externou “seu ponto de vista (por escrito e em sua língua) procurando anular ou impedir a execução do Tratado [...]. Argumentavam os cabildantes quanto aos seus direitos históricos sobre essas terras, direitos reconhecidos pelo próprio Rei de Espanha em diversas Cédulas Reais”⁵⁰.

Seguindo as cláusulas do Tratado, novas ordens das autoridades coloniais espanholas mandavam jesuítas e membros da elite missioneira a escolherem novas terras

⁴⁷ NUSDORFFER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas... *op. cit.*, p. 426.

⁴⁸ ACOSTA y LARA, *La guerra de los charruas... op. cit.*, p. 246.

⁴⁹ NUSDORFFER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas... *op. cit.*, p. 476.

⁵⁰ NEUMANN, E. “A fronteira tripartida... *op. cit.*, p. 26.

para o estabelecimento das reduções. Nos trabalhos de demarcação de novas áreas na margem ocidental do rio Uruguai um novo tipo de resistência indígena é observado. Assim como nas correspondências em que escreveram sobre seus direitos histórico sobre as terras que deveriam abandonar, parte da elite missioneira “estende” o direito do uso de terras aos “infiéis”.

A riqueza das informações contidas no diário de Nusdorffer sobre a disputa sobre as terras do entorno do rio Miriñay tanto pelos missioneiros quanto pelos “infiéis” charruas permitem-nos a questionamentos interessantes⁵¹.

Uma vez estabelecido o Tratado de Madri em 1750, os sete povos orientais deveriam procurar novas terras para o estabelecimento de suas reduções. Um dos territórios cobiçados foi o terreno compreendido pelos rios Ibera, Santa Lúcia e Miriñay. Essa pendenga envolveu as reduções de São Luís, São João, São Borja, São Miguel e Yapeyú, além dos “infiéis” charruas⁵² e as autoridades coloniais espanholas.

Segundo Bracco, após as campanhas de extermínio de 1749/50 empregada pelos espanhóis contra os charruas entre os rios Paraná e Uruguai, estes índios tiveram, em suma três destinos diferentes. Dos sobreviventes, uma parte foi enviada a força para Santa Fé, uma segunda manteve-se próxima de Yapeyú e uma terceira parte estabeleceu-se em campos menos controlados da Banda Oriental.

Levinton levanta a possibilidade de que a parcialidade infiel que se manteve nas imediações de Yapeyú tenha desenvolvido a noção do direito de terra através de acordos inter-étnicos estabelecidos bem antes da eclosão da eclosão da Guerra Guaranítica. Segundo sua pesquisa, o acordo, se é que existiu algum – conforme suas palavras –, estabeleceu os limites entre as estâncias da redução de Yapeyú situadas na margem ocidental do Uruguai e os territórios dos “infiéis”. Essas terras ocupadas pelos charruas foram as cobiçadas por padres e missioneiros para o assentamento das reduções orientais.⁵³

A partir do momento em que se puseram em prática os estudos da viabilidade do traslado, iniciou-se uma série de negociações entre os missioneiros, e destes com os “infiéis”. De acordo com o relato de Nusdorffer, parte dos luisistas prontificou-se

⁵¹ NUSDORFFER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas... *op. cit.*

⁵² Levinton afirma serem yaros. LEVINTON, N. “Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú... *op. cit.*, p. 37.

⁵³ LEVINTON, N. “Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú... *Ibidem.*, p. 37.

imediatamente para o traslado⁵⁴, enquanto os joanistas se recusaram a ocupar áreas ao sul de Yapeyú por causa da proximidade com os charruas⁵⁵. A hipótese de alojar nessas paragens a redução de São Borja gerou protestos de Yapeyú e São Miguel que diziam que tais índios eram dados a fugas e porque causavam contínuos danos em suas estâncias⁵⁶. O estabelecimento temporário de “infiéis” nas reduções passou a ser uma prática cada vez mais comum a partir do início do cerco ao território indígena. Os minuanos mantiveram interações variadas com os índios de São Borja, alguns, chegando se estabelecerem nele e configurando um expressivo contingente⁵⁷. Assim sendo, para os indígenas de Yapeyú e São Miguel, a proximidade de tal redução de suas estâncias, acarretaria problemas, do qual eles não estavam interessados em passar.

Seguindo com a disputa, luisistas e yapeyuanos escolheram dois postos perto do rio Miriñay⁵⁸. Para os de São Luís, o terreno tinha como finalidade o estabelecimento de seu *pueblo*, enquanto Yapeyú, procurava novos campos de pastagens, já que o Tratado de 1750 atingia suas estâncias no lado oriental do Uruguai. De acordo com o relato do dia 28 de novembro de 1752, ao saber que os luisistas dirigiam-se para povoar as novas terras, teria o cacique charrua Gaspar Grossero ido a Yapeyú protestar junto ao padre e prometido expulsar os invasores. Ao que parece, a tentativa do cacique de em buscar uma solução pacífica para a contenda, usando os padres como aliados não rendeu frutos, pois ao encontrarem-se, os charruas teriam tripudiado da situação dos missioneiros dizendo aos luisistas que “se o Rei queria que eles se mudassem, ele antes lhes apontasse terra pacífica, da mesma forma como eles deixavam a sua”⁵⁹. Somando ao clima de medo, os charruas prometiam vingança, especialmente ao corredor de São Luís, pois, de acordo com os “infiéis”, este era o responsável pela morte de seu capitão na última guerra. Diante do quadro de revolta, os luisistas mudaram seu curso para Yapeyú, onde deveriam esperar para a resolução da contenda. Entre os jesuítas cogitou-se a possibilidade de convocar todos os *pueblos* para castigar os charruas, e o padre Estelles chegou a escrever uma carta ao Tenente de Santa Fé requerendo tropas para castigar os “infiéis” que eram “insubmissos ao

⁵⁴ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas... *op. cit.*, p. 264

⁵⁵ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*Ibidem*, p. 266.

⁵⁶ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*Ibidem*, pp. 267 e seg.

⁵⁷ SANTOS, M.; BAPTISTA, J. “Reduções jesuíticas e povoados de índios... *op. cit.*, p. 243.

⁵⁸ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*op. cit.*, pp. 269 e segs.

⁵⁹ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*Ibidem* p. 293.

Mandato Real”⁶⁰. Diante de uma tropa de 50 cruzenhos⁶¹ e de cerca de 200 yapeyuanos, no dia 07 de dezembro os charruas estabelecem a paz com os missioneiros, recebendo em troca “tabaco, erva-mate, ponchos, guizos, etc”⁶². De acordo com o relato, os “infiéis” já estavam satisfeitos com a instalação do povoado em suas terras. Porém, quando os padres foram dar as boas novas, os luisistas já estavam de retirada, a caminho de suas antigas terras⁶³.

A disputa pelas terras do Miriñay continuou em 1753 e tomou rumos inesperados. Diante da paz estabelecida, parte pela segunda vez uma tropa dos luisistas para ocuparem as terras. No dia 02 de fevereiro, sete charruas se encontram com a partida dos missioneiros e receberam erva e tabaco. Porém a finalidade dos “infiéis” era saber a quantidade de índios e quais suas condições. Ao chegarem no local escolhido, o cacique Gaspar relembra que os luisistas haviam matado seu capitão e que “não queriam ver padres, nem ainda um *pueblo* de cristãos”⁶⁴. Referindo-se a NUSDORFFER, disseram os charruas que o padre havia mandado os soldados espanhóis de Santa Fé para castigá-los⁶⁵. O enfrentamento só não ocorreu por causa da chegada de yapeyuanos ao local. Diante do impasse, NUSDORFFER convocou os índios mais experientes de São Luís e Yapeyú a fim de deliberarem sobre a situação. Após algumas horas de reunião, os indígenas informam que a retirada é a melhor solução e a desistirem de povoar aquelas terras, além disso, segundo os yapeyuanos, os padres sabiam que os “infiéis” nunca os haviam molestado, a não ser agora, e que o passo era deles⁶⁶, reconhecendo, assim, a legitimidade dos charruas em ocupar o local. Os missioneiros chegaram a conclusão que cedo ou tarde, os charruas atacariam o *pueblo*. O impasse se mantinha.

O mesmo aconteceu com cerca de 130 borjistas que procuraram a região do Miriñay: foram expulsos pelos “infiéis charruas, guenoas e minuano” coligados⁶⁷. Conforme já foi dito, a denominação guenoa/minuano parece se referirem ao mesmo grupo. Ao se aceitar a hipótese, de que em terras do Miriñay estarem coligados charruas e

⁶⁰ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem. p. 294.

⁶¹ Da redução de La Cruz.

⁶² NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*op. cit.*, p. 294.

⁶³ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem p. 295.

⁶⁴ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem. p. 310.

⁶⁵ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem pp. 310 e seg.

⁶⁶ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem pp. 313.

⁶⁷ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...Ibidem. p. 335.

minuanos, embora em todo o ocorrido anteriormente não se mencione estes últimos, vamos de encontro do que constatou Bracco quando da perseguição aos charruas nas campanhas de 1749/50. Resumindo o destino de tal grupo indígena, Bracco assinala que uma parte se deslocou a campos menos controlados da Banda Oriental do Uruguai, e nesse espaço interagiram de forma pacífica e cooperativa com os minuanos⁶⁸. Então não se pode descartar a possibilidade de que a “vitória” conquistada pelos “infiéis” na disputa pelo território tenha atraído para essas paragens um contingente de minuanos.

A reviravolta do caso se deu a partir de 21 de agosto. Nesse dia, tomou-se o conhecimento de três cédulas reais datadas de 16 de fevereiro. Para o firme cumprimento do Tratado de 1750, em uma cédula a coroa abria concessões aos missioneiros que se mudassem para o ocidente do Uruguai, e em outra obrigava o governador de Buenos Aires a “limpar” das terras escolhidas os bárbaros “infiéis” com suas tropas e com a de índios⁶⁹. Diante da potencial perda de seu território, os “infiéis” estabeleceram aliança com os guaranis rebelados e entraram na redução de São Luís onde foram recebidos como se fossem “antigos amigos”, causando incredulidade aos padres. Em São Lourenço ocorreu coisa parecida⁷⁰.

Cabe ressaltar que a disputa pelas terras do Miriñay deu-se num momento onde os guaranis ainda não haviam optado pela armas para a resolução do Tratado.

Do fim da guerra à anulação do Tratado

Na presente parte do estudo, interessar-me-ei pelo destino dos guaranis que passaram a conviver com os “infiéis” e pelas relações que desenvolveram com os que permaneceram reduzidos.

Com o final do conflito, os sete *pueblos* orientais tiveram uma grande baixa demográfica. São quatro as razões principais para esse acontecimento. A primeira pode ser considerada, a fuga de guaranis missioneiros, muitos dos quais buscavam amparo junto aos “infiéis”. Tal tendência passou a ser evidenciada nas fontes desde 1752, quando se iniciaram as expedições de demarcação dos novos limites. Durante os anos de guerra, ao que parece, as fugas deste tipo diminuíram, tendo aumentado enormemente com a incerteza

⁶⁸ BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 295.

⁶⁹ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*op. cit.*”, p. 357.

⁷⁰ NUSDORFEER, B. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas...*Ibidem.*”, p. 384.

de rumos estabelecida com a paz. Um segundo motivo foi o desenvolvimento de uma política de atração que os portugueses, estabelecidos na redução de Santo Ângelo, criaram para atrair famílias guaranis, logrando que cerca de três mil índios passassem aos domínios lusitanos estabelecendo-se na paragem denominada Aldeia dos Anjos. Um terceiro fator a ser considerado é o fato de uma parte considerável dos indígenas terem se incorporado a outros *pueblos* na margem ocidental do Uruguai. E por fim, soma-se às perdas, os que tombaram durante o conflito. Assim sendo, de cerca de 40 mil habitantes, poucos anos antes do início da Guerra, as Sete Missões Orientais passaram a contar com 27237 ‘almas’ em 1759⁷¹.

Quanto aos missioneiros que passaram ao convívio com os “infiéis” é difícil esclarecer com certeza quem eram. Amparado por documentos que não se ‘expressam’ com clareza, apenas podemos fazer algumas especulações. As primeiras dificuldades aparecem nas fontes. Segundo Bracco o termo *tape* era geralmente usado para designar os missioneiros, e em algumas ocasiões, minuanos que já haviam tido experiência missional, abandonando-a logo⁷². Aos *tapes* que participavam das ‘desordens’, usualmente colocavam a terminologia *cimarrón*.

No período, aqui, analisado o caráter ambíguo e contraditório nas interações indígenas prossegue. Aproveitando-se de um tempo marcado pela incerteza do destino das missões, “infiéis”, portugueses⁷³, espanhóis e *gauchos*⁷⁴ passam a disputar o gado das estâncias missioneiras. Paralelamente, quando perseguidos pelos espanhóis, os “infiéis” continuavam buscando refúgio nas missões ou nos portugueses.

⁷¹ Almas, y Familias de los 7 Pueblos, y en donde estan. Diciembre 31 de 1759. A. G. N. A. Sala IX, Leg. 120/84, doc. nº 3.

⁷² BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes... op. cit.*, p. 272.

⁷³ Pelo menos em duas cartas, Cevallos alertou os espanhóis que as fazendas dos portugueses foi formada com gado roubado das Missões. Carta de Pedro de Cevallos a Ricardo Wall. São Borja, 20/02/1759 e Carta de Pedro de Cevallos a Julian de Arriaga. Campo de las Vacas, 28/05/1761. In. MENDONÇA. Marcos Carneiro de. *Século XVIII: o século pombalino do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox, 1989. p. 590.

⁷⁴ Novamente, Cevallos faz acusações de furto de gado, desta vez endereçada a Rafael Pinto Bandeira, que, segundo ele, utiliza-se de portugueses, desertores espanhóis e índios para fazer as *correrias*. Carta de Pedro de Cevallos a Thomas Luís Osório. São Borja, 02/12/1759. In. MENDONÇA, M. *Século XVIII...Ibidem*. p. 590.

Cap. 3 – As interações no fechamento do cerco (1761-1801)

Após o Tratado de El Pardo, assinado em 12/02/1761, tornar sem efeito as disposições do Tratado de Madri, as sociedades ibéricas lançaram políticas mais efetivas de ocupação do território. O incremento da pressão sobre as terras interiores atingiu em cheio a sociedade missioneira. Não que eles tivessem passados incólumes pelo início do cerco, com as fundações de Montevideu e de Rio Grande, mas a partir da anulação do Tratado de Madri as medidas expansionistas de Portugal e Espanha tornaram-se mais agressivas e suas políticas direcionadas às comunidades indígenas criaram possibilidades de os índios, ora optar por um, ora por outro.

Neste período, a documentação demonstra que guaranis missioneiros passaram a disputar o gado xucro ainda existente, ao mesmo tempo que muitas de suas estâncias foram despovoadas. Também evidencia-se uma maior participação dos *gauchos* nas desordens nos campos, ocupando o lugar dos “infiéis”, amplamente perseguidos pelas autoridades espanholas.

Estes, mantêm relações ambíguas com a sociedade missioneira. Ao mesmo tempo em que os tratam com amizade ou indiferença, praticam as *correrias* nas suas estâncias. Estas impressões estão presentes sobretudo nos relatos de viajantes. Millau em 1772, escreve que os “infiéis” charruas e minuanos se mantêm com amizade com os *pueblos* do sul (Yapeyú e São Borja), “*pero sus estancias padecen asimismo como las de Montevideo de su vecindad*”⁷⁵. Saldanha, por sua vez, afirma que os minuanos “*aborrecem aos índios tapes, e não se dão muito com eles*”⁷⁶, para logo em seguida dizer que em um posto mantidos pelos índios de São Miguel, apareceu um cacique e vários índios minuanos⁷⁷.

As elites missioneiras

Conforme já foi desenvolvido, as missões não eram “ilhas” povoadas somente por guaranis. As diferenças também se manifestaram entre os próprios missioneiros. Uma das maneiras encontradas pelos jesuítas em cooptar os guaranis para a vida em redução foi a formação de novos tipos de distinções, selecionando os mais “aptos” para atividades

⁷⁵ MILLAU, Francisco. *Descripción de la Provincia del Río de la Plata (1772)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S. A., 1947.p. 139

⁷⁶ SALDANHA, J. “Diário resumido e histórico...*op. cit.*, p. 236.

⁷⁷ SALDANHA, J. “Diário resumido e histórico...*Ibidem* p. 281.

especializadas, surgindo, assim, novas relações sociais e de poder entre os índios. Essa heterogeneidade entre os índios guarani missioneiro ficou evidenciada nos documentos produzidos pelos próprios.

O sistema político combinava dois tipos de autoridade, a nativa tradicional, constituída pelo cacique, e a imposta pelos jesuítas, formada pelo corregedor e o cabildo indígena.

Neumann em seu estudo sobre a escrita guarani reparou que nem todos os indígenas da elite eram letrados e quando o eram, faziam questão de ressaltar seus cargos e distinções evidenciando um certo apego a hierarquia. O autor reparou também que não só os membros da elite manifestavam suas distinções, mas os da elite letrada também o faziam⁷⁸.

Não é meu objetivo neste trabalho, estabelecer as qualidades que um líder guarani deveria ter para ser aceito como tal. A questão que me proponho a trabalhar neste tópico é ver como as diferentes lideranças indígenas presentes em cada povoado configuraram uma aproximação ou afastamento das parcialidades de índios “infiéis”. Em 1776, o cacique Don Abera Melchor pede providências para que se castiguem os “infiéis” minuanos pelos contínuos roubos que fazem a seu *pueblo*⁷⁹. Dois anos mais tarde, o mesmo cacique foi preso pelos índios de Yapeyú e posto em ferros por furtar gado das estâncias yapeyuanas⁸⁰. Segundo Bracco, foi uma tendência dos missioneiros aturem, nesse período, na disputa pela campanha e seus recursos⁸¹. Saldanha relatou em seu diário algo mais ou menos parecido. Segundo ele, os missioneiros “quase todos os meses estão deixando aqui parte das grandes vacarias ou corridas de gado que passam às Missões. Estes Povos, ou porque não abundam em reses, ou para reservarem as suas, mandam fazer semelhantes corridas aos campos”⁸².

Se o Tratado de Madri desencadeou uma profusão de documentos escrito pelos indígenas, o período posterior demonstra que a produção de documentos não parou. Após a Guerra Guaranítica, muitos indígenas passaram a ver os padres da Companhia de Jesus com desconfiança, levando a entender que suas autoridades não estavam mais solidificadas

⁷⁸ NEUMANN, E. “A fronteira tripartida.. *op. cit.*, p. 30.

⁷⁹ Documento escrito em Guarani com resumo espanhol redigida pelo Cacique Don Abera Melchor relatando ataque dos índios minuanos em 1776. Sala IX, A7, 6, 3.

⁸⁰ CARTA para o Governador de Buenos Aires relatando a prisão de Don Abera Melchor. A. G. N. A. Sala IX.

⁸¹ BRACCO, D. *Charruas, guenoas y guaraníes...* *op. cit.*, p. 315.

⁸² SALDANHA, J. “Diário resumido e histórico...*op. cit.*, p. 200.

como outrora. Nesse espaço, inseriram-se as elites missioneiras, cada qual resguardando para si os principais atributos da vida reducional. As diferenças não demoraram a aparecerem e as disputas entre os índios principais ficaram evidentes. Um exemplo dessas disputas pode ser visto no povoado de São Tomé em 1763, quando um verdadeiro processo estabeleceu-se nessa redução. Após a morte do cacique D.n Atanásio Apuy, o Capitão Atanasio Mbayaribe não reconheceu a autoridade de seus herdeiros advogando que, toda a linha sucessória do cacique Don Pedro Apuy Tandi, falecido “*por los años de 35*”, havia ocupado irregularmente o comando do cacicado. Evocando a autoridade do Padre Provincial Antonio Machori, o Capitão pede para que o nomeie como o novo cacique. De início, ao que parece, o argumento utilizado por Atanásio Mbayaribe deu certo, mas um tempo depois sua alegação foi considerada falsa e a graça foi anulada⁸³. Infelizmente, no documento, não há a data de sua nomeação e posterior destituição do cargo. Pode ser que este tenha sido um caso isolado de disputa pelo maior cargo da redução durante toda a história do período missional, mas o registro dessa ocorrência me leva a crer que as disputas políticas entre as lideranças se davam recorrentemente nas mais diversas formas.

Nesse sentido, de várias lideranças disputando a hegemonia do controle das reduções é que temos que entender como se deram as relações entre os índios aldeados com os “infiéis” a partir da Guerra Guaranítica. Provavelmente, essas disputas se deram desde o período anterior, mas a partir do momento em que os indígenas passaram a pôr em cheque a autoridade dos jesuítas, as diferenças ficaram mais evidentes nos documentos.

Guardas, fortes e postos

Uma das medidas adotadas pelas coroas ibéricas para a manutenção de seus territórios, bem como vigiar o movimento dos inimigos, foi a construção de guardas, postos e fortes nos campos. Dentro do espaço fronteiroço platino, os fortes e postos constituíram peças-chave no sistema de comércio/contrabando/gratificação entre índios e brancos. São os micro-espacos por excelência onde tem lugar estas atividades, amparadas pelos mesmos comandantes e praticadas por todos os povoadores. Estancieiros e militares vendem clandestinamente gado, mula e *efectos* a aos portugueses que introduzem sem registrar-se

⁸³ DOCUMENTO relatando a disputa pelo cacicado da redução de São Tomé em 25 de novembro de 1763. A. G. N. A., IX, 10, 6.

ou comercializam com eles por intermédio dos índios. No informe endereçado a Julian de Arriaga, o Marquês de Valdelirios alerta que no Forte de São Miguel, os portugueses compravam animais das estâncias de Montevideu, dando aos ladrões roupa e aguardente. No mesmo documento informa que o Forte do Jacuí, pela proximidade da redução de São Miguel, era ponto de partida para as *correrias* a suas estâncias. Finalizando, Valdelirios previa que se os Fortes de São Miguel e de São Gonçalo, caso não desaparecessem, teriam a mesma finalidade do Forte do Jacuí, ou seja, seria posto avançado para o roubo e contrabando⁸⁴. Em seu diário, Miguel de Saldanha escreveu que os minuanos, com os quais manteve contato, quando

*“postos em necessidade fazem suas viagens a algumas povoações meridionais de Missões, ou a Guarda de São Martinho, ou finalmente as estâncias portuguesas e fronteiras do Rio Pardo, conduzindo alguns cavalos [...] para trocarem por erva-mate, pano de algodão, facas flamengas, tabaco de fumo, aguardente ou alguns freios”*⁸⁵

No mesmo diário, Saldanha observa que os guaranis que dedicavam à disputa do gado utilizavam o Forte de Santa Tecla como paragem para as “*vacas mais magras e cansadas*”⁸⁶.

O período pós-jesuítico: novo impulso às fugas

A política indígena dos jesuítas possuía uma tendência homogeneizadora. As reduções guaranis aglutinavam os membros de distintas parciais, e o cacicado era a célula básica da organização sócio-econômica. A frente de cada um deles, se encontravam os caciques ‘ principais ’ . A sua vez, os cacicados eram compostos por várias famílias. Esta organização do cacicado é que fazia possível um controle mais eficaz das tarefas cotidianas.

Em 1767, o rei Carlos III assinou o decreto de expulsão da Companhia de Jesus de todos os domínios da coroa espanhola. O cumprimento dessa disposição nas Missões começou no início de 1768. Em seu lugar estabeleceu-se uma nova orientação na administração dos *pueblos*, acabando com seu caráter comunitário-redistributivo na tentativa de inserir os índios no comércio colonial. Wilde afirma que a configuração

⁸⁴ Informe do Marquês de Valdelirios a Julian de Arriaga. In. MENDONÇA, M. *Século XVIII... op. cit.*, p. 407.

⁸⁵ SALDANHA, J. “Diário resumido e histórico... *op. cit.*, p. 235.

⁸⁶ SALDANHA, J. “Diário resumido e histórico... *Ibidem.* p. 200.

resultante de novos atores⁸⁷, rompeu com o equilíbrio relativo que caracterizava o modelo jesuítico-guarani baseado na reciprocidade e na redistribuição⁸⁸, abrindo espaço para que as tensões e disputas entre seus membros ficassem mais evidentes.

Neste período crítico para os habitantes dos *pueblos*, notou-se um grande queda da população das trinta reduções. Maeder calcula que entre 1768 e 1807 a população total dos mesmos ‘caiu’ mais de cinquenta por cento. Tal diminuição da população, segundo o autor se deve à mortalidade devido às epidemias e às migrações⁸⁹.

Somado a esse quadro, as Missões sofreram com as avançadas coloniais ibéricas. Os *pueblos* meridionais foram os mais afetados por tal política expansionistas, e suas estâncias foram alvo de cobiça de portugueses e espanhóis que buscavam prear seu gado. Os índios “infiéis” charruas e minuanos também se dedicaram a essas atividades ilegais, porém, as fontes também evidenciam intercâmbios pacíficos entre eles. Além disso, os minuanos sempre se mostraram receptivos aos guaranis que buscavam amparo em suas toldarias.

⁸⁷ Autoridades hispano-americanas na administração econômicas das Missões e novas ordens religiosas, que deveriam dedicar-se somente ao ‘bem-estar das almas’.

⁸⁸ WILDE, Guillermo. “Los guaraníes después de la expulsión de los jesuitas...*op. cit.*, p. 88.

⁸⁹ MAEDER, Ernesto J.A. *Misiones del Paraguay: conflictos y disolución de la sociedad guaraní: (1768-1850)*. Madrid: MAPFRE, 1992. p. 51.

Conclusão

Ao longo da monografia pretendeu-se demonstrar a construção histórica das relações entre os índios missioneiros e os “infiéis” na bacia do Prata, baseando a abordagem em alguns eixos principais, os quais gostaria de retomar. Primeiramente, conforme espero ter ficado demonstrado, os guaranis missioneiros, principalmente aqueles que habitavam a margem oriental do rio Uruguai, não devem ser vistos como um ‘bloco monolítico’, de maneira independente às mudanças ocasionadas pelas políticas ibéricas. Apesar de estarem estabelecidos na América espanhola, os povos orientais, principalmente a partir da década de 1750, faziam parte das pretensões expansionistas lusitanas e os seus habitantes começaram a utilizar cada vez mais a sua posição entre os Impérios ibéricos a seu favor e a considerar os domínios do Rei Fidelíssimo como uma possibilidade de obter ganhos. Dessa forma, conforme exposto no capítulo três, tais indígenas se adaptaram aos novos tempos. Não apenas os missioneiros devem ser considerados tomando-se em conta esta situação de fronteira, onde havia uma possibilidade de escolha, mas também os índios “infiéis” devem ser assim considerados.

O segundo ponto a ser considerado, foi a derrubada do mito da ‘resistência permanente’ por parte dos índios “infiéis”. Tais indígenas, assim como os missioneiros, desenvolveram seus próprios mecanismos de inserção, assimilação e adaptação a fim de melhor se ajustarem à sociedade colonial. Hábidosos em seus acordos, aproveitaram ao máximo as rivalidades ibéricas em prol de seus interesses.

As interações entre as sociedades indígenas tenderam a aumentar na mesma proporção em que as pressões ibéricas sobre seus territórios se acentuavam. Mesmos que tais relações fossem caracterizadas pela instabilidade e pautadas pelas circunstâncias, o que se observou no período colonial tardio na Banda Oriental, foi uma re-orientação nas suas interações, buscando a manutenção de suas autonomias.

Fontes

Memoriais e livros impressos

AZARA, Félix de. *Descripción General del Paraguay*. Madrid: Alianza Editorial S. A., Introducción y notas: Andrés Galera Gómez. Ediciones del Quinto Centenario, 1990.

CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605-1801)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 3ª Ed., 1998.

CORTESÃO, Jaime. Tratado de Madri: antecedentes – Colônia de Sacramento (1669-1749). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1954. (Manuscritos da Coleção de Angelis).

CORTESÃO, Jaime. Do Tratado de Madri à conquista dos Sete Povos (1750-1802). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. (Manuscritos da Coleção de Angelis).

DOCUMENTOS sobre o Tratado de 1750. 2 volumes. In: *ANAIS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, volumes LII e LIII, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1937-1938.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Século XVIII: o século pombalino do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox, 1989.

MILLAU, Francisco. *Descripción de la Provincia del Río de la Plata (1772)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S. A., 1947.

NUSDORFFER, Bernardo. “Relação de todo o ocorrido nestas doutrinas com respeito às mudanças dos Sete Povos do Uruguai desde São Borja até Santo Ângelo inclusive que pelo Tratado Real e a linha divisória dos limites entre as duas Coroas ou se haviam de entregar aos portugueses ou se haviam de mudar a outras paragens”. In: TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2002. Vol. III.

SALDANHA, José de. “Diário resumido e histórico. In: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LI, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1938.

Fontes Manuscritas

Archivo General de la Nación Argentina (AGN)

Almas, y Familias de los 7 Pueblos, y en donde estan. Diziembre 31 de 1759. A. G. N. A. Sala IX, Leg. 120/84, doc. nº 3.

CARTA para o Governador de Buenos Aires relatando a prisão de Don Abera Melchor. A. G. N. A. Sala IX.

DOCUMENTO escrito em Guarani com tradução em espanhol relatando ataque dos índios yaros em São Borja no ano de 1757. Sala IX.

DOCUMENTO escrito em Guaraní com resumo espanhol redigida pelo Cacique Don Abera Melchor relatando ataque dos índios minuanos em 1776. Sala IX, A7, 6, 3.

DOCUMENTO relatando a disputa pelo cacicado da redução de São Tomé em 25 de novembro de 1763. Sala IX, 10, 6.

Bibliografia

ACOSTA y LARA, Eduardo F. *La guerra de los charruas*. Monteverde y Cia. S. A. Montevideo, 1961.

ÁVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier tesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BECKER, Ítala Irene Basile. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 1982.

BOCCARA, Guillaume. “Fronteras, mestizaje y etnogénesis en las Américas”. In. MANDRINI, Raúl J. y PAZ, Carlos D. *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano en los siglos XVII-XVIII: un estudio comparativo*. Neuquén/Bahia Blanca/Tandil, 2003. (pp. 63-73)

_____. “Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel”. In. *Revista Memoria Americana. Dossier Mestizaje, etnogenesis y frontera*. Nº 13, 2005. (pp. 21-52).

BRACCO, Diego. *Charruas, guenoas y guaraníes: interacción y destrucción. Indígenas en el Rio de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso, 2004.

BRADING, David. A Espanha dos Bourbons e seu Império Americano. In: BETHELL., Leslie (ed). *História da América Latina*. Vol. II. São Paulo, EDUSP, (pp.390-445).

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

GIL, Tiago Luís. “*infiéis*” transgressores: elites e contrabandistas do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

GARCIA, Elisa. *As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

GOLIN, Tau. Construindo a integração no Estado colonial e no Estado Nacional: A questão do espaço sul-rio-grandense. In: RECKZIEGEL e FÉLIX. *RS: 200 anos. Definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002

GRUZINSKI, Serge. “O Renascimento Ameríndio”. In: NOVAES, Adauto (Org). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras/Minc-Funarte, 1999. (pp. 283-298).

HUGARTE, Renzo Pi. *Los Indios de Uruguay*. Madri: Editorial MAPFRE América, 1992.

LEVINTON, Norberto. “Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso cotidiano, acuerdo interétnico y derecho natural (Misiones Del Paraguay)”. In: *Revista Complutense de Historia de América*. 2005, vol 31. (pp. 31-51).

KUHN, Fábio. Breve história do Rio Grande do Sul. 3. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

MAEDER, Ernesto J. A. *Misiones del Paraguay: conflictos y disolución de la sociedad guaraní : (1768-1850)*. Madrid: MAPFRE, 1992.

MANDRINI, Raúl J. “Hacer historia indígena: el desafio a los historiadores”. In: MANDRINI, Raúl J. y PAZ, Carlos D. *Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano em los siglos XVII-XVIII: um estudo comparativo*. Neuquén/Bahia Blanca/Tandil, 2003. (pp. 15-31).

MARTÍN, Carmen Martínez. “El padrón de Larrazábal en las misiones del Paraguay (1772)”. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2003, vol. 29. (pp. 25-50).

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

NEUMANN, Eduardo. “A fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande”. In: GRIJÓ, KÛN, GUAZZELLI e NEUMANN (Org). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. (pp. 25-46).

PÉREZ, Leonel Cabrera. “Los ‘ indios infieles’ de la Banda Oriental y su participación en la Guerra Guaranítica”. In: *Estudios Ibero-americanos*. Porto Alegre, vol. XV (1), 1989. (pp. 215-227).

PORTO, Aurélio. *História das missões orientais do Uruguai*. Porto Alegre: Selbach, 1954. 2 vol.

PRADO, Fabrício. “Colônia de Sacramento: a situação na Fronteira Platina no século XVIII”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, nº 19, 2003. (pp. 79-104).

QUARLERI, Lia. “La legitimación de la violencia. La ‘ guerra justa’ contra la resistencia jesuítico-guaraní” . In: *Resistencia y Rebelión: de la puna argentina al río de la Plata (Período Colonial)*. Buenos Aires: purmamarka Ediciones, 2008. (pp. 50-75).

ROJAS, José Luis de. *La Etnohistoria de América: los indígenas, protagonistas de su historia*. Buenos Aires: SB, 2008.

SANTOS, Maria Cristina; BAPTISTA, Jean Tiago. “Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII)” . In: *Revista de História da Unisinos*, Maio/Agosto 2007. (pp. 242-251).

SCHWARTZ, Stuart; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SUSNIK, Branislava. *Los aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los Guaraníes – Época Colonial*. Assunción: Museo Etnográfico Andrés Barbano, 1979.

TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre, Selbach, 1922. 3 vol.

URQUIJO, José Mariluz. “Los guaraníes después de la expulsión de los jesuitas” . In: *Estúdios Americanos*. Sevilha: vol. VI, 1953. (pp. 323-330).

WILDE, Guillermo. “Los guaraníes después de la expulsión de los jesuitas: dinámicas políticas y transacciones simbólica” . In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2001, vol. 27. (pp. 69-106).

_____ “Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay” . In: *Jahrbuch Für Geschichte Lateinamerikas*. Weimar: Böhlau Verlag, 2006. (pp. 119-145).